

« Un duo d'actrices
au sommet
pour deux personnages
d'exception » **Le Point**

TS PRODUCTIONS
PRÉSENTE

EMMANUELLE DEVOS

SANDRINE KIBERLAIN

OLIVIER GOURMET

Violette

UN FILM DE

MARTIN PROVOST

LE RÉALISATEUR DE SÉRAPHINE

CATHERINE HIEGEL JACQUES BONNAFFÉ OLIVIER PY NATHALIE RICHARD STANLEY WEBER

avec MARTIN PROVOST, MARC ABDELNOUR, RENÉ DE CECCATTY

TS PRODUCTIONS

diaphana

LE 6 NOVEMBRE

3

STUDIO
cinéma

Magazine Littéraire

LE FIGARO · fr

Le Point

culture



Violette Leduc encontra **Simone de Beauvoir** em Paris nos anos que precedem a Guerra. Começa assim uma relação intensa entre as duas mulheres que vai durar toda a sua vida. Uma relação baseada na busca pela liberdade e pela escrita, por parte de **Violette**, e na convicção de **Simone** ter nas mãos o destino de uma escritora fora do normal.

“Entrevemos um mundo cheio de tumulto e arrebatamento, onde o amor muitas vezes toma o nome de ódio, onde a ciência de viver não raro se expande em gritos de desespero; mundo que a solidão devastou e parece árido ao longe. Mas não é. **Sou um deserto que fala sozinho, escreveu-me Violette Leduc um dia, numa carta.** Pois encontrei nesse deserto inúmeras belezas. Além disso, os que vêm falar-nos do fundo da sua solidão de nós falam (...) a noite da infância, os desaires, as renúncias, a súbita comoção de uma nuvem em pleno céu. Surpreender uma paisagem, um ser, tal como existem na nossa ausência: sonho impossível que acalentamos todos.”

Simone de Beauvoir sobre a obra de **Violette Leduc**



VIOLETTE LEDUC

Nasceu em Arras, Pas de Calais, em França, filha ilegítima de uma empregada, Berthe – cuja hostilidade e protecção excessiva marcou de forma significativa a infância da futura escritora.

Após uma juventude conturbada, atravessando a Primeira Grande Guerra, problemas nos liceus que frequentou e um Bacharelato inconcluído, Violette Leduc fixa-se em Paris.

Em 1942 conhece Maurice Sachs e Simone de Beauvoir, que a encorajaram a escrever. O seu primeiro livro, “L’Asphyxie” foi publicado por Albert Camus nas Éditions Gallimard e recebeu elogios de Jean-Paul Sartre, Jean Cocteau e Jean Genet.

Em 1955, parte do seu livro “Ravages” foi censurado devido ao conteúdo explícito na descrição de uma relação lésbica. A secção censurada foi mais tarde editada como um livro independentes, sob o nome “Teresa e Isabel”, em 1966.

O seu filme mais famoso, o livro de memórias “La Bâtarde”, foi publicado em 1964. Foi um dos favoritos para o Prémio Goncourt e tornou-se um sucesso de vendas.

Violette Leduc faleceu em 1972 com 65 anos na sua casa em Faucon, na região de Provença.

Obras de VIOLETTE LEDUC (por data de publicação)

1946 | L'Asphyxie

1948 | L'Affamée

1955 | Ravages

1958 | La Vieille Fille et Le Mort | Les Boutons Dorés

1960 | Trésors à Prendre

1964 | La Bâtarde

1965 | La Femme au Petit Renard

1966 | Thérèse et Isabelle | Teresa e Isabel

1970 | La Folie en Tête

1971 | Le Taxi

1973 | La Chasse à L'amour

2006 | Je Hais les Dormeurs

2007 | Correspondance 1945-1972

ENTREVISTA A MARTIN PROVOST

Qual foi o seu primeiro contacto com Violette Leduc?

René de Ceccatty, que conheci em 2007, introduziu-me à sua obra enquanto estava a escrever o “Séraphine”. Ele disse-me: “Estás a fazer um filme sobre Séraphine, mas já ouviste falar de Violette Leduc?” Só conhecia o nome; nunca tinha lido nenhum dos seus livros. Ele passou-me um texto não publicado que Violette tinha escrito sobre Séraphine e que não tinha sido aceite pela Les Temps Modernes. Era surpreendentemente perspicaz e belo. O René deu-me também a biografia que ele tinha escrito sobre Violette. Depois de a ler, devorei “La Bâtarde”, “Trésors à prendre” e por aí fora. Disse ao René: “Temos de fazer um filme sobre a Violette”. A ideia de um díptico nasceu aí. Para mim, Séraphine e Violette são irmãs. As suas histórias são tão similares que até incomoda.



No seu filme, cria um retrato intimamente fiel de Violette que a liberta de todos os clichés escandalosos associados à sua reputação como escritora.

À medida que ia descobrindo mais coisas sobre ela, mais me comovia com aquilo que estava profundamente escondido no seu interior, a fragilidade e a dor, enquanto que a figura pública escandalosa e extravagante –

depois de ela se ter celebrizado na década de 1960 – me interessava muito menos; era somente uma fachada. Queria aproximar-me da verdadeira Violette, que está numa busca por amor e se isola por completo para escrever. A vida não foi simpática para ela. As pessoas dizem que ela era uma pessoa complicada. Mas isso não era suficiente para mim. Eu vejo-a como uma pessoa muito insegura, a combater uma batalha solitária consigo mesma, mas sem desistir. Essa insegurança e solidão eram, na minha opinião, as suas motivações. As pessoas raramente se apercebem dos riscos que os artistas assumem, quer seja um pintor, um escritor ou um realizador. Muitas vezes, apenas se apercebem do feito, e do sucesso se ele surgir. É preciso uma boa dose de imprudência, bem como de coragem e de perseverança, para entrar nessa estrada e para continuar. Com o tempo, percebemos que a solidão é extremamente fértil, um aliado crucial, tal como o silêncio, para reflectirmos sobre o nosso interior, que cresce e se desenvolve constantemente. Mas pode ser precisa uma vida inteira para compreender isto.



Como surgiu a ideia de dividir o filme em capítulos, como num livro?

Gradualmente, fui percebendo que a sucessão de pessoas que Violette conheceu durante a sua vida corresponde ou a livros em particular ou a

fases fundamentais do seu crescimento. Na montagem isso destacou-se, até ficarem apenas as pessoas que realmente interessavam, juntamente com o penúltimo capítulo, dedicado a Faucon, a aldeia na Provence onde ela viveu os seus últimos dias até morrer.

As personalidades, o lugar onde comprou casa, o livro que lhe trouxe o sucesso... O filme segue a trajetória de uma autêntica heroína em direção à emancipação.

Sim, quis fazer de Violette uma heroína, e quis que todos os protagonistas da sua história, dos quais ela também teve de se libertar, aparecessem no filme. Para crescer é essencial sermos capazes de nos libertar de tudo aquilo que nos ajudou a ser aquilo que somos. Dependente, em primeiro lugar, da sua mãe, e depois de Simone de Beauvoir, Violette acabou por assegurar a sua independência ao escrever “La Bâtarde”. Ao libertar-se dessas pessoas ainda que subconscientemente, ela encontrou o seu lugar. É por isso que o capítulo sobre Berthe, a mãe de Violette, aparece tão tarde no filme: quando o conflito chega ao seu auge e se consegue chegar a uma resolução.

No filme destaca as falhas de Berthe, mas também o seu desejo de tomar conta da sua filha.

Berthe é central neste filme tal como foi na vida de Violette, que a amava tão profundamente quanto a desprezava por a ter trazido ao mundo. Berthe não era uma mulher má. Mas não era certamente uma boa mãe (o nascimento de Violette não foi registado até ela ter dois anos), embora tenha algumas dúvidas sobre os conceitos de boa ou má mãe. Ela deu o seu melhor, e não queria condená-la, ao contrário do que Violette faz. Pelo contrário, quis mostrar que Violette apenas vê uma parte da sua mãe – a parte com a qual ela tem contas a acertar. O mesmo acontece com Maurice Sachs, uma personagem obscura que abandona Violette apesar de a ter encorajado a escrever. Ele protagoniza um papel importante na construção interior da escritora que ela se tornará. As coisas nunca são ou preto ou branco; existem vários cambiantes de cinzento. Regresso sempre a isso – dar a cada personagem a sua hipótese. É assim que se encontramos o nosso lugar.



Depois da Guerra, Violette Leduc encontrou uma mãe simbólica, Simone de Beauvoir, que toma o papel de mentora e protectora.

Foi o laço mais forte na vida de Violette, acima de todos os complexos e tumultuosos relacionamentos que teve. O segundo capítulo do filme conta o seu encontro em Paris. Na casa de um amigo de Maurice, a quem ela está a entregar carne do mercado negro, Violette encontra o livro “L'Invitée”, de Simone de Beauvoir. Fica imediatamente surpreendida com o tamanho do livro. “Uma mulher a escrever um livro tão grande”, diz. Ela lê o livro. Fica agarrada. Fica obcecada em encontrar-se com Simone de Beauvoir para lhe entregar o seu primeiro manuscrito, “L'Asphyxie”. Violette encontra Simone de Beauvoir e observa-a no Café de Flore, onde esta escreve todas as manhãs. Violette segue-a. Acaba por cruzar-se com ela e dá-lhe o seu livro. É o início de uma relação para toda a vida.

Como interpreta a sua relação com Simone de Beauvoir no filme?

Beauvoir parece admirar o comportamento apaixonado de Violette, ao mesmo tempo que a irrita. Simone é a única amiga que ela mantém ao longo de toda a vida; ela corrige os textos de Violette, guia-a e

aconselha-a. Violette chega mesmo a legar os seus direitos literários a Simone.

Simone de Beauvoir era fascinada por Violette, que rejeitava ser uma intelectual. Costuma dizer: “Eu escrevo com os meus sentidos.” Para Simone, era uma relação ambígua de fronteiras pouco nítidas. Violette estava apaixonada por Simone, que não retribuía mas que via em Violette a escritora inspirada que nunca foi. Manteve-a a uma certa distância sem nunca a libertar. Violette era uma calamidade não só para si como também para os outros: sofria imenso mas também provocado grande sofrimento. Estava convencida de que era feia e, confrontada com Simone de Beauvoir, a sua fealdade tornou-se uma obsessão. Simone, no entanto, conseguiu evitar qualquer armadilha que Violette lhe preparou, de forma a garantir-lhe apoio e ajudá-la a forjar a sua obra. Sem Simone, acho que Violette se teria auto-destruído.

A “sua” Simone de Beauvoir é inesperadamente frágil e solitária, também.

É o lado menos conhecido de Simone, sozinha, num tempo em que Sartre estava a divertir-se algures. Ela só se sentiu realizada muitos anos mais tarde, quando conheceu Nelson Algren. Esta Simone frágil chegou até a mim graças a um dos seus livros que coloco acima dos outros, “Une mort très douce”, que é afectuoso, lúcido e sem remorsos em simultâneo. Transpira toda a sua emoção, da qual ela era eminentemente capaz, e humanidade. Quis dar vida a esta Simone mais íntima e desconhecida, a mulher que subitamente confia em Violette e que desata num pranto à frente da pessoa que passou a vida inteira a chorar no seu ombro.

Como escolheu as actrizes para estes papéis?

Encontrei-me com a Emmanuelle Devos antes de escrever o argumento, tal como fiz com a Yoland Moreau antes de “Séraphine”. Sabia que só podia ser ela. Queria ter a certeza de que ela aceitaria a transformação física, ao tornar-se loura e colocar um nariz falso terrível. Para Simone de Beauvoir, foi mais complicado. Interpretar alguém que é tão conhecido é assustador. A Emmanuelle encorajou-me a marcar um encontro com a Sandrine Kiberlain. Não a conseguia imaginar nesse papel mas, quando

nos conhecemos, fiquei siderado com a sua graça, inteligência e, acima de tudo, determinação. Ela tinha a certeza de que conseguia interpretar o papel.



Que outras relações fundamentais para a vida e trabalho de Violette escolheu introduzir no filme?

Jean Genet, interpretado por Jacques Bonnaffé, por exemplo. Genet adorava Violette, que é bastarda como ele. Sentiam que era irmão e irmã – dois escritores extraordinários, poetas do seu tempo e transgressores. Genet dedicou “As Criadas” a Violette. Depois, existe ainda Jacques Guérin (Olivier Gourmet), colecionador de manuscritos e proprietário da companhia de perfumes Les Parfums d’Orsay. Era rico mas também bastardo, e homossexual, e Violette apaixonou-se por ele, claro, e perseguiu-o obstinadamente, sem sucesso. Para mim, Jacques é o fantasma do pai dela, que recusava reconhecê-la como sua filha. Jacques era um esteta, que salvou os manuscritos de Proust e acabou por comprar os de Violette e de Genet.

A escrita de Violette marca pela sua fisicalidade e linguagem sexualizada, que era revolucionária para uma escritora nos anos 1950. Dizia-se que escrevia como um homem.

Sim. Escrever era orgânico para Violette. Isto é muito raro. Recebeu muitas críticas porque teve a coragem de dizer coisas que ninguém ousava mencionar. Nas suas próprias palavras. Ela foi a primeira mulher a falar sobre o seu aborto, e “Ravages” foi censurado. A versão original nunca chegou a ser publicada, o que é uma aberração. A censura levou a que Violette fosse internada. Quase enlouqueceu.



A paixão e o amor são como um grito que guiam a sua escrita mas, ao mesmo tempo, ela diz ser “um deserto que fala sozinho”.

Paixão, sim. Frustração, definitivamente. Havia formas diferentes de enfrentar Violette Leduc. Podíamos escolher o ângulo da mulher escandalosa, porque ela causou verdadeiros escândalos, era muito sincera, tinha um fantástico sentido de humor e uma personalidade forte, adorava a provocação e os romances indecorosos, mas quando lemos a sua obra integral percebemos que era tudo um pretexto. Ela estava à procura de algo mais. Transformou as suas aventuras românticas impossíveis ou condenadas em romances. E estava sempre sozinha.

Como fez a escolha da música?

VIOLETTE precisava de uma banda sonora tão poderosa e possessa como a que Michael Galasso compôs para “Séraphine”, mas o Michael faleceu entre os dois filmes. Estava perdido. Então decidi procurar e encontrar. Arvo Pärt era a escolha óbvia. Tinha “Fratres” a tocar na minha cabeça, e assim que tentámos juntá-la ao filme, encaixou perfeitamente.

O seu filme, tal como os romances de Violette, pode ser visto como “uma apropriação de um destino”, pedindo emprestada a expressão de Simone de Beauvoir?

Como se pode mudar um mau jogo? Como se pode fazer algo a partir do infortúnio? O filme começa em 1942, no primeiro brilho de uma madrugada no meio de um inverno brutal e severo. Termina no sul de França quando o Sol se põe, com Violette no auge da sua fama depois da publicação de “La Bâtarde”, em 1964, prefaciado por Simone de Beauvoir. É uma estrada em direcção à luz.

Entrevista por Laureline Amanieux

Elenco

Violette Leduc - Emmanuelle Devos
Simone de Beauvoir - Sandrine Kiberlain
Jacques Guérin - Olivier Gourmet
Berthe Dehous - Catherine Hiegel
Jean Genet - Jacques Bonaffé
Maurice Sachs - Olivier Py

Equipa Técnica

Realização: Martin Provost
Argumento: Martin Provost, Marc Abdelnour, René de Ceccatty
Direcção de Fotografia: Yves Cape, AFC SBC
Edição: Ludo Troch
Som: Pascal Jasmes
Edição de Som: Ingrid Ralet
Misturas: Emmanuel Croset
Décors: Thierry François
Guarda-roupa: Madeline Fontaine, AFCCA-EFA
Assistente de Realização: Juliette Maillard
Casting: Brigitte Moidon, ARDA
Direcção de Produção: Christophe Désenclos
Produtores: Miléna Poylo & Gilles Sacuto
Produção: TS Productions, France 3 Cinéma, Climax Films (Belgium)
Distribuição: Leopardo Filmes

França / 139' / 2013